

O CLITÓRIS DA SERPENTE: indiferenciação e estruturas de visibilidade¹

THE CLITORIS OF THE SERPENT: undifferentiation and visibility structures

Luiza Müller ²

Resumo: *O presente artigo problematiza as transformações nos discursos e nas estruturas de visibilidade acerca do clitóris, com ênfase no hemiclitéris das serpentes. O corpus é composto por revisões de literatura anteriores à descoberta do hemiclitéris, pelo artigo científico que o enuncia e por notícias online publicadas no mesmo mês de sua divulgação. A análise fundamenta-se no conceito de Comunicável (Müller, 2024), sistematizado a partir da arqueologia foucaultiana, mobilizando as categorias da Indiferenciação e da Estrutura de Visibilidade para examinar os regimes de comunicabilidade que operam no seu arquivo. Os resultados indicam que a confusão, a instabilidade e o viés masculino funcionam como estratégias de um arquivo em processo de ruptura epistêmica, enquanto o emprego inventivo de aparatos tecnológicos e a presença de mulheres como sujeitos enunciadoreis do saber científico configuram mudanças nas estruturas de visibilidade, possibilitando que o hemiclitéris se torne comunicável.*

Palavras-Chave: Clitóris; Arquivo; Estrutura de visibilidade.

Abstract: *This article problematizes the transformations in discourses and structures of visibility concerning the clitoris, with emphasis on the hemiclitoris of snakes. The corpus consists of literature reviews prior to the discovery of the hemiclitoris, the scientific article that enunciates it, and online news published in the same month of its disclosure. The analysis is based on the concept of Communicable (Müller, 2024), systematized from Foucault's archaeology, mobilizing the categories of Indifferentiation and Structure of Visibility to examine the regimes of communicability that operate in its archive. The results indicate that confusion, instability, and male bias function as strategies of an archive undergoing epistemic rupture, while the inventive use of technological devices and the presence of women as enunciating subjects of scientific knowledge configure changes in the structures of visibility, enabling the hemiclitoris to become communicable.*

Keywords: Clitoris; Archiv; Visibility Structure

1. Introdução

O clitóris é o “[...] único órgão cujo propósito é proporcionar prazer sexual” (Brennan, 2022, p. 528, tradução nossa) e, via de regra, configura-se em parte homóloga ao pênis, ou seja, mantém com o seu correspondente semelhanças de forma e função (Folwell; Sanders; Crowe-

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Bolsista de apoio à difusão de conhecimento CNPq na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, luizaemuller@gmail.com.

Riddell, 2022). Isso porque o falo é uma característica compartilhada pelos amniotas³ – tendo sido originado na linhagem tronco dos vertebrados terrestres (aves, répteis e mamíferos) – e está presente em ambos os sexos, no pênis nos machos e no clitóris nas fêmeas. Inclusive, “As duas estruturas originadas a partir do falo são indistinguíveis durante o início do seu desenvolvimento” (Pavlicev; Herdina; Wagner, 2022, p. 582, tradução nossa). A anatomia, a fisiologia e a função do falo masculino são amplamente estudadas. Já no caso do clitóris, descrições igualmente detalhadas são raras na ciência. Assim, a completa inexistência de descrições do clitóris em muitas espécies (mesmo que sua existência seja conhecida) ou os poucos e, por vezes equivocados, detalhamentos existentes são uma recorrência na maioria dos estudos.

A pesquisa *Anatomy of the Clitoris* (Anatomia do Clitóris, em tradução livre) é a descrição mais detalhada deste órgão em humanos realizada pela ciência até os dias de hoje. Publicado em 2005, sob liderança da pesquisadora australiana Hellen O’Connel, o artigo afirma que “A história do clitóris é uma parábola da cultura e de como o corpo é forjado em um formato válido para a civilização, apesar e não em função de si mesmo” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1194, tradução nossa). Dessa forma, o que O’Connel et al. (2005) nos dizem é que o corpo é forjado (ganha forma e substância) a partir da mesma matéria que compõe a cultura de uma sociedade – um conjunto de convenções que, mesmo que aos olhos e ao toque pareçam reais, na verdade são etéreas o suficiente para, ao longo do tempo, dissolverem-se e (re)agruparem (re)formatando-se. Assim, analisar o histórico de como o clitóris foi visto e como foi descrito, ou seja, os muitos clitóris que ao longo do tempo foram materializados através dos manuais de anatomia, dos consultórios médicos, da prática das parteiras, dos discursos políticos e religiosos e, claro, da experiência sexual das mulheres, é também analisar como se constitui arqueologicamente a sociedade que assim os formata.

No que diz respeito ao discurso científico na sua especificidade, Paul Preciado adverte que, “Se a ciência alcançou lugar hegemônico como discurso e prática na nossa cultura, isso se deve, como notaram Ian Hacking, Steve Woolgar e Bruno Latour, a seu funcionamento como aparato discursivo-material da produção físico-corpórea” (Preciado, 2018, p. 37). Em outras palavras, a ciência, mais do que qualquer outro saber, forja os corpos – dá-lhes forma,

³ Os amniotas constituem um clado, ou seja, uma linhagem evolutiva, que abrange todos os vertebrados terrestres cujos embriões se desenvolvem dentro de uma membrana denominada âmnio, incluindo aves, répteis e mamíferos.

substância e um caráter de verdade. Assim, uma descrição derradeira e perpétua do clitóris seria um esforço louvável por parte dos pesquisadores, mas, também, uma quimera discursiva. Qualquer objeto de saber, em função do jogo de trocas das arenas sociais, eventualmente se desestabilizará novamente, transformando-se. Antes de vir à luz e ser comunicado, um corpo nem existe. Como alerta Donna Haraway (2023, p. 322), “[...] a ciência é um texto contestável e um campo de poder; o conteúdo é a forma. E ponto final. A forma na ciência é a retórica artefactual-social que configura o mundo em objetos efetivos”.

Nesse sentido, Rachel Gross, autora da revisão jornalística *Vagina Obscura*, escreve que tudo gira em torno de maneiras de ver: “Você vê o que espera ver. Você não pode ver o que você não está procurando” (Gross, 2022, p. XVI, tradução nossa). Assim também evidencia Foucault em *O Nascimento da Clínica*: “Quem pode assegurar-nos que um médico do século XVIII não via o que via, mas que bastaram algumas dezenas de anos para que as figuras fantásticas se dissipassem e que o espaço liberto permitisse chegar aos olhos o contorno nítido das coisas?” (Foucault, 2020a, p. VIII- X). A problematização que propomos neste artigo está, justamente, no nível das práticas que configuram tais olhares: Que mudanças podem ser apontadas nos discursos e nas estruturas de visibilidade no que diz respeito ao clitóris e, em especial, no clitóris das serpentes (o mais recentemente identificado e descrito pela ciência)? Para analisá-las, é preciso voltar-se para o arquivo e, nele, analisar seus regimes de comunicabilidade.

. O clitóris das cobras, como expressão específica das leis do arquivo do seu tempo, apresenta elementos pertinentes para o debate acerca do órgão também em outras espécies. Foucaultianamente, portanto, partimos do detalhe para refletir sobre um todo arqueológico. Considerando que o arquivo é, justamente, o que transforma enunciados em acontecimentos e coisas, tomamos o desafio de compor um corpus que, do detalhe e das especificidades, possa conduzir à problematização geral do clitóris. Para isso, selecionamos para análise as revisões de literatura prévias à descoberta científica do hemiclitéris da serpente e o artigo em que sua existência foi enunciada e detalhada. Ademais, mapeamos notícias e reportagens jornalísticas que repercutiram esse anúncio, optando por conteúdo online e em formato textual. Por fim, literatura sobre o clitóris de outros animais, assim como estudos que tangenciam a temática, também foram considerados e utilizados quando pertinentes.

No processo de análise do mencionado corpus nos deparamos com enunciados fundados em paradigmas próprios das ciências biológicas, assim como termos e classificações

tais como “macho” e “fêmea”. De largada, cabe-nos apontar que tais categorizações atribuídas aos animais (humanos ou não) não são entendidas aqui como naturais, mas, semioticamente, como produções e reproduções discursivas de um binarismo de gênero que busca enquadrar comportamentos sociais e papéis reprodutivos em dois polos opostos.

Para realizar a análise proposta, partimos do Comunicável (Müller, 2024), conceito sistematizado a partir da arqueologia foucaultiana no âmbito da Semiótica Crítica (Gpesc, 2020), que consiste em:

1) qualidade do objeto que já é capaz de adentrar nas trocas simbólicas das interações sociais; 2) limiar do arquivo e, por isso, conceito que expressa o espaço de fronteira entre as epistemes; e, por fim, 3) ferramenta heurística para a tarefa de, na observação desse intervalo, analisar os processos de transformação e as tendências para o novo arquivo que se forma na esteira da quebra epistêmica. (Müller, 2024, p.78)

Para a proposta que aqui apresentamos, utilizamos duas categorias de análise crítica do Comunicável: 1) A indiferenciação, entendida como o processo de nivelamento e homogeneização produzido pelo arquivo antes que se opere sua ruptura ou descontinuidade; 2) A estrutura de visibilidade, voltada a reconhecer o regime emergente de visibilidade que começa a se configurar, materializando-se em tecnologias (estratégias e técnicas) e em práticas discursivas (Müller, 2024).

Assim, dentre os resultados da análise, ressaltamos: a confusão, instabilidade e viés masculino como estratégias do arquivo em rompimento, identificadas pela categoria da *Indiferenciação*; As novas estratégias no uso de aparatos tecnológicos e a presença de mulheres como sujeitos enunciadoreis do saber científico enquanto mudanças nas *Estruturas de visibilidade*, que permitiram ao hemiclitoris fazer-se comunicável.

2. O hemiclitoris na fronteira do Comunicável

Em 14 de dezembro de 2022, o site *New Scientist* divulgou que “Cientistas finalmente encontraram o clitoris em cobras – e existem dois” (Wetzel, 2022, s/p., tradução nossa), em razão da publicação do estudo “*First evidence of hemiclitores in snakes*” (Primeiras evidências de hemiclitoris em cobras, em tradução livre), de Folwell et al. (2022), realizada nesse mesmo dia. Parecendo noticiar um acontecimento há muito tempo aguardado, a chamada destaca a demora da descoberta e o agravante de que, mesmo sendo um clitoris duplo, até então não tinha sido notado. A notícia parece, dessa forma, a cobrança de uma informação atrasada e a ciência,

na arena jornalística, é caracterizada como um campo entregue a atavismos ultrapassados. Sobre o mesmo tema, o site do jornal *The Guardian* publica a chamada “Cobras têm clitóris: cientistas superam um ‘enorme tabu em torno da genitália feminina’” (Lu, 2022, s/p., tradução nossa), destacando, justamente, um importante caráter social e cultural que teria sido superado. Dessa forma, nosso exercício heurístico junto ao Comunicável toma como ponto de partida esse que é o clitóris mais jovem no jogo das trocas simbólicas e, também, no registro das descrições científicas para debater as discontinuidades que marcam sua passagem pelo Comunicável e problematizar o histórico do clitóris enquanto objeto semiótico e comunicacional.

O estudo de Megan Fowell e sua equipe traz as primeiras descrições macromorfológicas do hemiclitóris das cobras, usando dissecação em sete serpentes fêmeas adultas (*Elapidae*, *Viperidae* e *Pythonidae*) e microtomografia com contraste de iodo (diceCT) em três cobras fêmeas adultas das espécies *Elapidae* e *Colubridae*.

Nas cobras, o desenvolvimento tanto do clitóris, quanto do pênis, inicia ainda na fase embrionária e a partir de uma mesma estrutura: “Nos escamados (lagartos e cobras), o túbulo genital se desenvolve em uma estrutura de hemifalo pareada chamada ‘hemiclitóris’ na fêmea e ‘hemipênis’ no macho” (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa). O prefixo hemi (que significa “metade”) indica, justamente, o fato de ambos os órgãos serem constituídos de duas partes, sendo o hemiclitóris uma estrutura triangular semelhante ao desenho de um coração.

A complexa evolução do hemipênis dos escamados tem sido extensivamente pesquisada desde as primeiras descobertas no século XIX e isso revelou uma enorme diversidade no tamanho, forma e ornamentação dos hemipênis (por exemplo, saliências de espinhos, ganchos, cálices e copas). Em contraste, o hemiclitóris dos escamados tem sido visivelmente sub investigado e os estudos que descrevem esta anatomia estão repletos de inconsistências (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 1, tradução nossa).

Ademais, o atraso no aprofundamento no hemiclitóris das cobras se deu apesar de a potencial variação na morfologia do clitóris do animal apresentar características que podem ser úteis para debater a origem das serpentes, assim como de outros escamados (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022).

Ademais, o viés masculino dessas investigações faz com que, até o momento, a pesquisa sobre répteis escamados tenha se concentrado principalmente no comportamento de cortejo masculino, na morfologia do hemipênis, no armazenamento de esperma pelas fêmeas,

na anatomia do oviduto e da cloaca, bem como no ciclo reprodutivo feminino (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022).

Ou seja, há uma lacuna significativa no conhecimento sobre a anatomia e função do hemiclitéris, apesar de sua potencial importância na estimulação tátil durante a cópula, uma característica observada em outros amniotas. “Futuros estudos comparativos de evolução clitorial em escamados necessitam de referências anatômicas claras” (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022, p. 7, tradução nossa). Enquanto isso, a função do hemiclitéris na reprodução permanece em sua maior parte desconhecida. Embora a estrutura do clitóris seja conservada entre os amniotas, sua natureza vestigial nos répteis escamados tem sido amplamente assumida, mesmo considerando seu papel funcional na excitação sensorial em outros grupos de amniotas (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022).

Dessa maneira, é possível identificar uma série de novas formações enunciativas a respeito da existência do hemiclitéris. A grande maioria delas, todavia, ainda são afirmadas no campo das possibilidades. E sempre quando, no domínio dos discursos, um objeto está a se materializar nesse espaço do *em potencial*, ele está na fronteira que configura o Comunicável. Por ser o espaço próprio da quebra do arquivo, o *entre* que se coloca em meio às velhas e às novas regras do que pode ser comunicado, sua posição é privilegiada para a observação de tendências de rompimento epistêmico.

Nesse limite, existe, de um lado, um conjunto de afirmações que, epistemicamente falando, já não podem mais ser feitas. Em tal conjunto, enquadra-se a irrelevância da genitália das cobras fêmeas para o estudo da evolução da espécie em razão de uma invariabilidade de sua configuração. Ou seja, a presunção de que a organização dos órgãos sexuais das serpentes fêmeas, ao longo do tempo, não havia se modificado o suficiente para justificar uma dedicação maior à sua análise. Na esteira deste pensamento, o hemiclitéris era, inclusive, considerado vestigial, ou seja, um índice inútil e sem função de um órgão perdido.

De outro lado, configura-se um grupamento de afirmações que, regidas pelas mesmas regras de formação enunciativa, vão desenhando o território de uma nova prática discursiva, mas que ainda carece de condições de possibilidade para se instaurar. Ou seja, um conjunto de coisas que ainda não pode ser explicitamente enunciado porque não se encontra completamente instituído em um discurso no arquivo. Por essa razão que, para além da existência do hemiclitéris e a visibilidade dos contornos de seu formato, outras coisas ainda estão no nível

especulativo, como uma potencial função na cópula e mesmo suas capacidades sensoriais e vínculo ao prazer da fêmea.

É este o estado e o espaço do Comunicável que nos propomos a aprofundar em seguida a partir de duas de suas categorias de análise crítica: a indiferenciação e a estrutura de visibilidade.

3. Indiferenciação – entre instabilidade, confusão e viés masculino

Ao longo de quase dois séculos, considerando o início dos estudos do hemipênis em cobras macho ainda no século XIX, o hemiclitéris ocupou o lugar daquilo que não é, mas poderia ter sido: um vislumbre, o vestígio de um falo que falhou em desenvolver-se. Essa pretensa “falha” no desenvolvimento das cobras fêmeas, expressa no que se identificava como um hemiclitéris vestigial, por si só é intrigante, visto que o órgão é encontrado na maioria das fêmeas amniotas adultas, com exceção das aves. E essa não é a única suposição que causa estranhamento quando, hoje, observam-se as pesquisas que foram realizadas previamente sobre o tema. A investigação de Folwell e sua equipe, mostra que, de maneira geral:

Relatos de hemiclitéris em cobras adultas [...] são (i) citações inadequadas de literatura que discute lagartos em vez de cobras, (ii) genitália diferente nas cobras (por exemplo, intersexo ou hemipênis masculino), (iii) descrições vagas sem referências anatômicas ou (iv) confundidas com anatomia adjacente, como glândulas odoríferas (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 2, tradução nossa).

Ziegler e Böhme (*apud* Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022) especulam que o hemiclitéris das cobras fêmea vem sendo confundido desde a década de 1900 com as glândulas odoríferas do animal ou com o hemipênis de cobras intersexuais. Ademais, os autores mencionam outras confusões, como a referência ao hemiclitéris invertido como “bolsos” e destacam que, na literatura mais recente, os abaulamentos genitais femininos ainda eram chamados de bolsas hemipênicas reduzidas.

Ou seja, o hemiclitéris era observado apenas em estruturas anatômicas que também eram encontradas nos corpos dos machos ou suas estruturas eram vistas como versões malformadas de órgãos masculinos. Além dessas descrições confusas e equivocadas, altamente determinadas por um viés masculino, sua localização foi apontada anteriormente às glândulas anais e caudal à cloaca. No entanto, estudos de desenvolvimento em lagartos e cobras mostram que os hemipênis e os hemiclitéris se formam a partir dos mesmos inchaços genitais; assim,

ambos estão localizados posteriormente à cloaca e centralmente na cauda – medial às glândulas odoríferas em adultos (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022).

O viés masculino historicamente estabelecido no discurso científico deste campo de pesquisa revela um *plano de emergência* (Foucault, 2020b) monotônico em seus enunciados. Ou seja, tal discurso age de maneira a modular o que é visto sempre a partir do macho. Nesse sentido, as práticas e técnicas de pesquisa, enquanto suas *instâncias de delimitação* (Foucault, 2020b), na sua invariabilidade, homogeneizam os resultados, causando desencontros, confusões anatômicas e, também, invisibilidades como as relatadas. Por fim, as *grades de especificação* (Foucault, 2020b) – as maneiras de classificar e segmentar o objeto – evidenciam uma constante instabilidade, pois estudos se contradizem, invalidam-se ou são referenciados erroneamente. Cabe destacar que observar essa organização arqueológica só é possível quando em trânsito pelo Comunicável. Apenas nesse espaço de fronteira tal estrutura se faz visível, e a indiferenciação operada pelo arquivo só passa a ser percebida quando dele nos distanciamos.

Instabilidade, confusão e viés masculino marcam, portanto, o estágio de indiferenciação do Comunicável no que diz respeito ao clitóris. A instabilidade corresponde às descobertas e redescobertas, visibilidades e invisibilidades do órgão pelos pesquisadores ao longo da história; A confusão, por sua vez, refere-se, no estudo da anatomia genital clitoriana, à miscelânea que caracteriza a sua nomenclatura anatômica, conforme Brennan (2022). Proliferam-se os nomes diferentes para estruturas já descritas, o que ocasiona pouca precisão na identificação de características específicas e frustração entre pesquisadores. Esse é um problema que atravessa espécies e tem consequências importantes no desenvolvimento científico. Já o viés masculino é a característica predominante historicamente no tratamento científico do clitóris e que se torna evidente apenas neste espaço do Comunicável, quando causa estranhamento e passa a ser questionado. É necessário, portanto, esse espaço de fronteira para que os elementos heterogêneos previamente dissolvidos na massa do arquivo passem, paulatinamente, por um olhar que os diferencie.

Tomemos a história do clitóris humano para analisar brevemente estas mesmas questões. O’Connell, Sanjeevan e Hutson (2005) explicitam, em sua revisão sistemática, a instabilidade histórica dos detalhamentos anatômicos, assim como das nomenclaturas e explicações quanto à funcionalidade do órgão.

O estudo específico de livros didáticos de anatomia ao longo do século XX revelou que os detalhes dos diagramas genitais apresentados no início do século foram posteriormente omitidos em textos seguintes. Estes exemplos,

particularmente tendo como plano de fundo a descoberta e redescoberta do clitóris, indicam que a evolução da anatomia feminina ao longo do século XX ocorreu como resultado de eliminação ativa e não de uma simples omissão no interesse da brevidade (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189-1190, tradução nossa).

Tais manuais, enquanto registros de memória, revelam omissões significativas potencialmente influenciadas por fatores outros que não a objetividade científica, pois mesmo essas descrições típicas do clitóris nos livros didáticos (aqueles utilizados para treinar médicos, ginecologistas e cirurgiões nas últimas décadas) “[...] carecem de detalhes e incluem imprecisões” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189, tradução nossa).

Ainda na Antiguidade, por volta de 500 a.C., há registros de identificação e localização precisa do clitóris feitos por Hipócrates, provavelmente sob orientação das parteiras da época (Gross, 2022). Aristóteles notaria algo semelhante em função da sua análise de ratos fêmeas, cuja região pubiana inchava ao se aproximar do macho, o que ele relacionou com as fêmeas humanas, que “sentem prazer ao serem tocadas no mesmo lugar que os homens, mas, no caso delas, não há emissão de líquidos” (*apud* Gross, 2022, p. 9, tradução nossa). No primeiro século d.C., outro médico grego, Soranos de Éfeso, também descreveria o clitóris, dando-lhe a alcunha de “ninfa”, pois estaria alocado entre os lábios, semelhante às noivas vestidas com o véu (Gross, 2022).

Mesmo assim, no século XVI, diversos anatomistas, como Realdo Colombo, Gabriele Falloppia, Jan Swammerdam e Regnier DeGraaf, reivindicaram a descoberta do clitóris. Hoje, a ciência entende que pênis e clitóris são órgãos homólogos. Mas para anatomistas proeminentes, como Galeno de Pérgamo e Andreas Vesalius, este último considerado o pai da anatomia moderna, a forma feminina correspondia a uma versão invertida da masculina – era o modelo do sexo único, como explica Thomas Laqueur (2001). Na sua lógica, a correspondência ao pênis estava na vagina e não no clitóris, para o qual não havia função nem mesmo existência em mulheres saudáveis.

Penso que tal estrutura aparece em hermafroditas que, de outra forma, têm órgãos genitais bem formados, como descreve Paulo de Egina, mas nunca vi em nenhuma mulher um pênis (que Avicena chamava *albartha* e os gregos chamavam de ninfa alargada e classificavam como uma doença) ou mesmo os rudimentos de um minúsculo falo (Vesalius *apud* O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1192, tradução nossa).

De fato, a lógica do modelo de Galeno de Pérgamo não deixava espaço para o clitóris, sendo omitido inteiramente das suas descrições anatômicas. “Comparado com o que Hipócrates escrevera quinhentos anos antes, esta foi uma reviravolta surpreendente. Infelizmente, a escola

de pensamento de Galeno prevaleceria pelo menos até o século XVII, moldando ideias anatômicas nos séculos seguintes” (Gross, 2022, p. 10, descrição nossa).

Variados termos existiram para fazer referência ao órgão e “clitóris” só seria utilizado na literatura a partir do século XVII. Hipócrates usou o termo *columela* ou *pequeno pilar*; Avicena, persa e um dos médicos mais famosos da antiguidade, chamou o clitóris de *albartha* ou *virga* (vara); Albucasis, autoridade médica árabe, chamou-a de *tentigo* (tensão); *Amoris dulcedo* (doçura do amor), *sedes libidinis* (sede de luxúria) e *moscardo de Vênus* foram termos usados por Colombo, anatomista italiano. Já na Idade Média, Magnus usou a palavra *virga* como o termo para os órgãos genitais masculinos e femininos (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005).

Ainda na Renascença, mais precisamente em 1545, Charles Estienne seria o primeiro autor a identificar o clitóris com base em uma dissecação. Em seu relato, curiosamente, o clitóris recebeu uma função urinária. Colombo afirma ter redescoberto o clitóris, sendo contestado por Gabriel Fallopio em 1561 (o mesmo que dá nome às trompas de falópio). “Os anatomistas modernos negligenciaram-no completamente... e não dizem uma palavra sobre isso... e se outros falaram sobre isso, saibam que o tiraram de mim ou dos meus alunos” (Fallopia *apud* O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1192, tradução nossa).

Em 1672, o trabalho de DeGraaf indica que a anatomia clitoriana teria sido redescoberta novamente, sendo, possivelmente, o primeiro relato compreensível do órgão. “Nós estamos extremamente surpresos que alguns anatomistas não fazem mais nenhuma menção dessa parte, como se nem existisse no universo da natureza. Em cada cadáver que dissecamos nós o encontramos bem perceptível à vista e ao toque” (De Graaf *apud* O’Connell; Sanjeevan; Hutson. 2005, p. 1192-3, tradução nossa).

“Assim, durante períodos de até 100 anos, o conhecimento anatômico do clitóris parece ter sido perdido ou oculto, presumivelmente por razões culturais” (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1193, tradução nossa). O que O’Connell et al. chamam de cultural, compreendemos como as condições de possibilidade do arquivo. Inclusive, para que sua pesquisa afirme isso, é necessário que esteja com os pés fincados na fronteira do Comunicável.

Nesse contexto, tudo indica que as estruturas incluídas no que se identificava ser o clitóris, até então, eram apenas o corpo e a glândula, esta última a parte externa e visível do órgão. Hoje, a discussão sobre quais estruturas devem ser incluídas no que chamamos de clitóris segue em elaboração, como é próprio do limiar de um novo arquivo.

Existe um apelo em usar um simples termo, clitóris, para descrever o conjunto de tecidos eréteis responsáveis pelo orgasmo feminino. Com o tempo, chegar-se-á a um acordo sobre se todo o conjunto de tecidos relacionados (vagina distal, uretra distal e clitóris, incluindo os bulbos, crura, corpo e glândes) deve ser incluído no termo clitóris. Por enquanto, parece apropriado unir as estruturas vasculares que formam um agrupamento unificado, como na ressonância magnética, e referir-se a essas estruturas como clitóris (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1194, tradução nossa).

Cabe destacar que os diagramas do clitóris de Georg Ludwig Kobelt, no século XIX, já forneciam um relato mais esmiuçado sobre o órgão, com descrições abrangentes sobre a musculatura circundante e o papel do clitóris e da vagina. “Poucos outros relatos abrangentes da anatomia do clitóris foram identificados na literatura histórica”, afirma O’Connell et al. (2005, p. 1193, tradução nossa).

Abaixo é possível ver duas ilustrações feitas por Kobelt (FIGURA 1). À esquerda, o diagrama expressa uma visão lateral das estruturas eréteis dos órgãos da genitália humana feminina. Na letra A, aponta-se o então chamado bulbo vestibular; na C, o plexo de veias chamado *pars intermedia*; na E, a glânde do clitóris; na F, o corpo do clitóris; e, na H, a veia dorsal do clitóris. Na representação frontal, a glânde do clitóris é apontada na letra F; na B, os músculos do esfíncter da vagina; na E, novamente, o plexo venoso da *pars intermedia*; na G, veias de conexão; e, na letra K, veias passando por baixo dos púbis (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005).

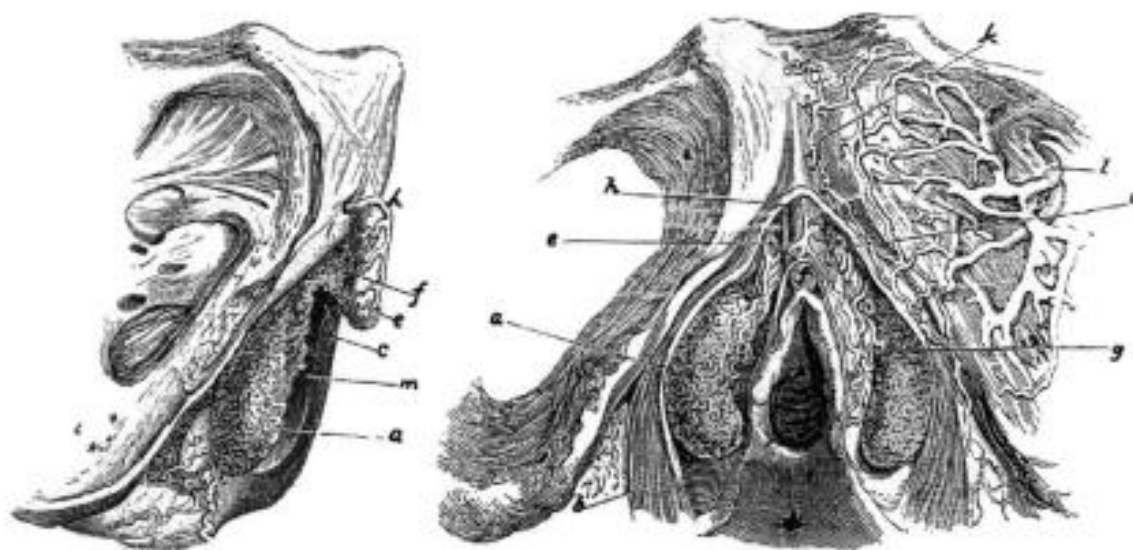


FIGURA 1 – Diagramas de Kobelt

FONTE: *Anatomy of the Clitoris* (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1193)

Cada descrição fornecida ao longo do tempo poderia ter orientado as gerações seguintes a buscarem por informações aprimoradas e precisas, mas esse não foi o caso. Mesmo no século XX, “A descrição típica de um livro anatômico carece de detalhes, descreve completamente a anatomia masculina e apenas fornece as diferenças entre a anatomia masculina e a feminina, em vez de uma descrição completa da anatomia feminina” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1193). Reforçando não apenas a recorrência do viés masculino, que analisa a anatomia feminina apenas em relação à masculina, mas contrapondo fortemente uma noção de evolução ou progresso histórico da ciência, como destaca O’Connell e sua equipe:

A descrição de Kobelt, com algumas modificações, auxiliada por ressonância magnética e fotografias de dissecação, fornece um relato abrangente de anatomia sexual feminina. Os escritores dos principais livros de anatomia tiveram acesso a descrições e diagramas abrangentes do clitóris desde os estudos de Kobelt. A falta de detalhes anatômicos nos textos de cirurgia pélvica reforçou a abordagem cega da anatomia pélvica típica dos livros de anatomia (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1194, tradução nossa).

O detalhamento seguinte e, ainda hoje, o mais completo, foi dado mais de 150 anos depois de Kobelt, pelo estudo de O’Connell, Sanjeevan e Hutson (2005). Abaixo (FIGURA 2) podemos ver uma imagem que integra tal estudo, feita por ressonância magnética à esquerda, em conjunto com um diagrama simplificado à direita, indicando o corpo do clitóris (*Body of clitoris*), uretra (*urethra*), bulbo esquerdo (*left bulb*) e vagina. O plano axial de ambos os diagramas, de Kobelt e de O’Connell et al. evidencia a completude do estudo do alemão, ainda em 1844.

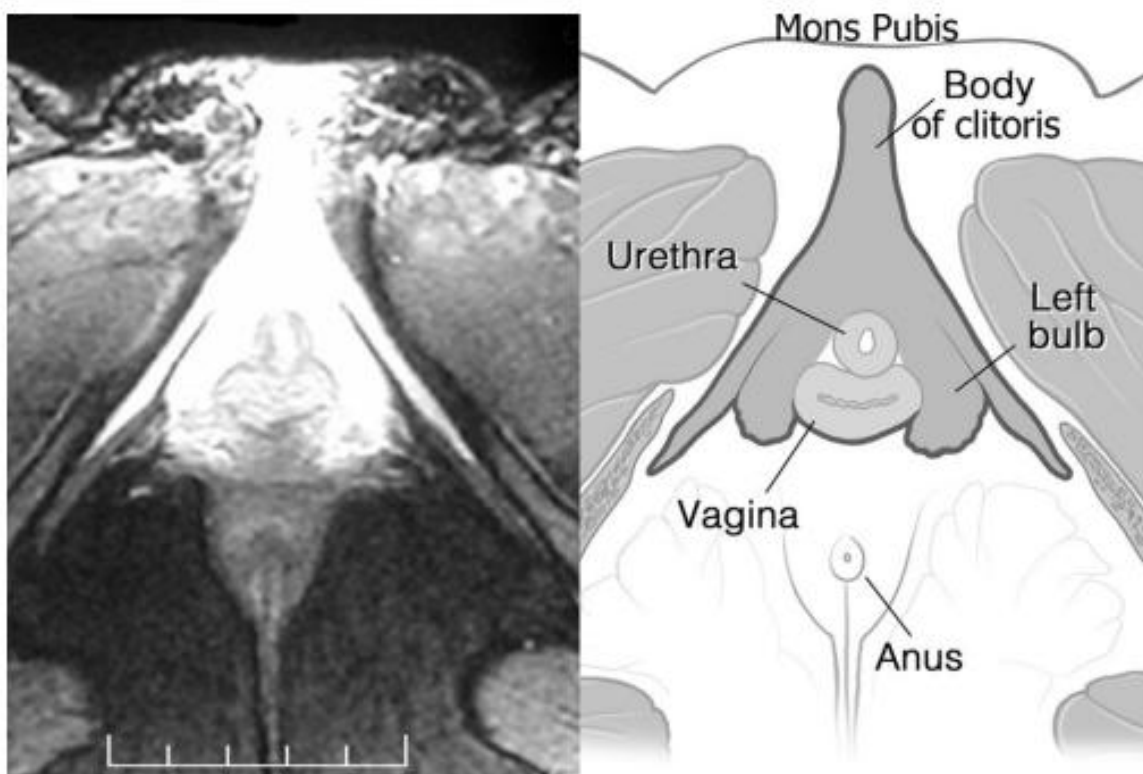


FIGURA 2 – Imagem de ressonância magnética em plano axial do clitóris
FONTE: *Anatomy of the Clitoris* (O’Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1191)

Contudo, fora do campo da ciência tradicional, existiram sempre disputas no campo discursivo empreendidas especialmente por sujeitos com clitóris. Durante os anos 70, por exemplo, um grupo de mulheres estado-unidenses, integrantes de um coletivo de saúde feminista, destacou, em um livro de sua autoria, boa parte das características que seriam descobertas por O’Connell, inspirando-a em seu trabalho, como a inclusão do bulbo e da uretra no complexo clitoriano. A obra, intitulada *A new view of a woman’s body* (Uma nova visão do corpo da mulher, em tradução livre), descreve o clitóris como um corpo longo e alado. As autoras, como não tinham acesso a cadáveres para dissecar, examinavam a genitália umas das outras: “Elas comparavam suas descobertas com a anatomia padrão dos livros, notando uma ampla variação entre as mulheres” (Gross, 2022, p. 31, tradução nossa). Da mesma maneira, Jane Sharp, parteira britânica, em seu manual de 1671, havia descrito o órgão como um pequeno falo que incha “quando os espíritos entram nele” e “torna as mulheres lascivas e se deleitam na cópula, e se não fosse por ele, elas não teriam nem desejo nem deleite” (Sharp *apud* Gross, 2022, p. 12, tradução nossa).

Invocando noções que desenvolveria de maneira mais focada em sua fase genealógica, Foucault aborda, ainda em *A Arqueologia do Saber*, os termos e condições do campo enunciativo nas disputas discursivas. Nessa arena, regulação e controle operam, considerando as regras do arquivo, no agenciamento de cada enunciado – dos mais discretos e banais aos mais significativos, as leis do que pode ser comunicado são aplicadas aos conceitos que são utilizados, às estratégias empregadas, às práticas e à formação dos objetos. “Todo o campo enunciativo é, ao mesmo tempo, regular e vigilante: é insone” (Foucault, 2020b, p. 179), afirma. Ou seja, o que feministas do século XX e parteiras do século XVII potencialmente têm em comum nesse âmbito é que o jogo de regras a que seus discursos obedeciam já apontavam para rompimentos que se concretizariam na ciência muito tempo depois.

Nesse contexto, a indiferenciação do clitóris (das cobras, das humanas e de outros animais), que pode ser observada a partir do Comunicável, é resultado da perene vigilância das regras do arquivo em vigência, cuja regulação planifica sentidos, formas e funções. Por essa razão, Catherine Malabou afirma que o clitóris só encontra suas condições de existência quando passa a medir distância, a afastar-se dos discursos que o conformam. “Distância entre clitóris e vagina, objeto de tantas análises e psicanálises. Distância entre clitóris e pênis. Distância entre o clitóris e o falo, pois o primeiro se recusa, ao contrário do pênis, a obedecer à lei do segundo” (Malabou, 2021, p. 9, tradução nossa). A distância de que fala a filósofa é a diferenciação que agora, no espaço do Comunicável, é possível. Daí a necessidade de identificar e descrever também as estruturas de visibilidade – os lugares institucionais dos quais emergem os discursos, os sujeitos e os espaços por eles ocupados, as tecnologias, as técnicas, as arquiteturas etc. Os lugares de aparecimento do clitóris foram determinantes para a sua inconstância, confusão e alteridade, pois mais do que um mero espaço físico, os laboratórios, a comunidade científica e os instrumentos de análise dos corpos são, antes de tudo, meios “[...] com seus marcos significativos, seus limites, suas oportunidades de evolução” (Foucault, 2020b, p. 62-3).

4. Estrutura do visível – uma tecnologia para encontrar o clitóris

“*Eu sei que [o clitóris] está presente em muitos animais e não faria sentido não estar presente nas cobras. Eu apenas tive que dar uma olhada para ver se essa estrutura estava lá ou se apenas havia passado despercebida*”, afirmou a autora Megan Fowell (*apud* Cohen, 2022, s/p., tradução e grifo nossos) em entrevista à BBC. Sua fala traz uma sucessão causal de ações:

saber-olhar-ver. Todavia, o que se pode saber, as possibilidades desse olhar e as constatações possíveis desse ver estão subordinadas às estruturas de visibilidade que os conformam. No contexto das ciências modernas, Donna Haraway chama atenção para a mediação do que nomeia *sistemas de percepção*.

Os “olhos” disponibilizados nas ciências tecnológicas modernas estilham toda ideia de visão passiva; esses dispositivos protéticos mostram-nos que todos os olhos, incluindo nossos olhos orgânicos, são sistemas perceptuais, incorporando traduções e modos diferentes de visão, isto é, modos de vida. Não existe uma fotografia não mediada ou uma câmera escura passiva nas abordagens científicas de corpos e máquinas; há apenas possibilidades visuais altamente específicas, cada uma com um modo parcial, incrivelmente detalhado e ativo, de organizar mundos (Haraway, 2023, p. 332).

É nessa medida que Foucault chama “estrutura” (Foucault, 2016, p. 190) a organização do visível, uma espécie de seleção pré-linguística que, designando o que é possível ver, reconhecer, identificar e habitar, posteriormente permite que um regime de visibilidade se transcreva em um determinado sistema de linguagem e se torne dizível. Sob o domínio deste arranjo, Haraway coloca os dispositivos (técnicos ou não), os que agenciam o que é possível ver e, assim, as possibilidades de estar no mundo – os possíveis modos de viver e compreender o que está ao nosso redor. Nesse sentido, não há separação entre teoria e experiência. Logo, Megan Fowel, como ela bem afirma, viu aquilo que já sabia existir. Aqui, novamente, nos deparamos com o aspecto fronteiro do Comunicável, pois, mesmo diante do que para ela já era uma obviedade, “[...] quando Folwell foi procurar literatura sobre o órgão em serpentes, ela não encontrou nada. ‘Simplesmente não fazia sentido para mim’, disse ela. ‘Eu sabia que algo estava estranho’” (Thompson, 2022, s/p., tradução nossa).

Patricia Brennan, que é uma das autoras do estudo, chegou a buscar pelo clitóris da cobra, mas, imersa nas práticas e técnicas de seu tempo, não foi capaz de vê-lo, como narra uma reportagem do *The Atlantic*:

[...] até bem pouco tempo ela nunca tinha encontrado clitóris em cobra. Brennan, para que não haja dúvida, havia verificado. Pesquisadora do *Mount Holyoke College*, ela dissecou todos os tipos de cobras e lagartos ao longo dos anos e sempre descobriu a mesma coisa: os machos ostentam um par de pênis fortemente ornamentados, chamados hemipênis, que podem, como o forro de um bolso, desdobrar-se para fora da base da cauda; o mesmo truque funciona com muitas fêmeas de lagartos, cujos clitóris, ou hemiclitéris, também podem ser virados para fora. Mas sempre que Brennan tentava a manobra em uma cobra, ela virava, desdobrava e nada. Eventualmente, Brennan, como muitos outros em sua área, concluiu que clitóris em cobras não deveriam existir (Wu, 2022, s/p., tradução nossa).

Em outra entrevista, Megan Fowell justifica que essa desistência dos pesquisadores se dava por múltiplos fatores: “Havia uma combinação de a genitália feminina ser um tabu, os cientistas não serem capazes de encontrá-la e as pessoas aceitarem a rotulagem incorreta de cobras intersexuais” (Fowell *apud* Mao, 2022, s/p., tradução nossa). A estrutura de visibilidade consiste em uma intersecção dessas questões e muitas das notícias a respeito da descoberta destacam, justamente, como foram necessárias transformações nas maneiras de ver, ou seja, novas estratégias para o uso de aparatos técnicos já existentes.

Para o *The Scientist*, Natalia Mesa (2022, s/p., tradução nossa) destacou as etapas do procedimento e a facilidade de visualização do órgão a partir dessas técnicas.

Então, para esclarecer essa confusão, Folwell e uma equipe de pesquisadoras fizeram uma análise mais aprofundada. Elas começaram dissecando Cobras da morte (*Acanthophis antarcticus*) que já tinham em laboratório. A dissecação envolveu três etapas: abrir o abdômen, dissecar cuidadosamente as glândulas odoríferas e cortar uma fina camada de músculo. Folwell diz que na primeira vez que fez esta dissecação, viu as estruturas que identificou como hemiclitoris, claras como o dia. “Neste ponto, eu [estava] muito extasiada. Não é nada parecido com o que alguém já viu ou descreveu”, diz ela. Folwell também criou um modelo 3D do órgão usando DiceCT, uma forma de tomografia à base de iodo que lhe permitiu visualizar finas seções transversais de tecidos de cobra. Isso permitiu que ela visse detalhadamente a forma e o tamanho de toda a estrutura.

Em reportagem para o site *Science News*, Jake Buehler (2022, s/p., tradução nossa) coloca as tecnologias usadas como complemento aos olhos e ao que se vê com eles.

Para confirmar que ela não estava olhando para um caroço de algum outro tecido, Folwell e suas colegas examinaram cuidadosamente seções dos órgãos ao microscópio. A equipe também embebeu a cauda em iodo, o que permitiu que os tecidos moles da região genital fossem visualizados com maior resolução por meio de raios X.

É, portanto, na compreensão da complexidade do arranjo das tecnologias de visualização, no entendimento da faceta concreta da sua estrutura, mas também das semioses por ela agenciadas, que é possível, inventivamente, “[...] intervir nos padrões de objetificação no mundo, isto é, os padrões de realidade pelos quais precisamos nos responsabilizar” (Haraway, 2023, p. 341). Os objetos de saber, incluindo os corpos biológicos, não são reconhecidos ou mesmo descobertos, mas criados – surgem, justamente, das estruturas de visibilidade enquanto tecnologias – técnicas, práticas e mediações –, assim como a escrita e a produção de imagens que, por sua vez, formalizam o conhecimento em registros de memória no arquivo.

Em resumo, existe uma tecnologia para encontrar o clitóris, ou seja, uma estratégia específica para vê-lo e que o faz comunicável. Para além das práticas discursivas que o edificam, existe uma arquitetura visual específica capaz de o evidenciar. No campo científico, entre outras coisas, essa arquitetura expressa-se nos aparatos utilizados e nas estratégias elaboradas para tal. Patricia Brennan explica que, por ser mole e altamente deformante, “[...] estudar características [da genitália feminina] como tamanho e forma pode ser mais propenso ao erro, especialmente depois que essas estruturas são removidas da cavidade corporal” (Brennan, 2022, p. 523, tradução nossa). Ou seja, de maneira geral, descrever os tecidos reprodutivos femininos em sua anatomia depois de cortados e extraídos do corpo, produz um órgão outro, diferente do que ocupa o corpo vivo, pois fora da cavidade corporal a genitália feminina muda completamente sua forma e tamanho. Em outras palavras, a técnica de dissecação utilizada precisa ser pensada especialmente para a genitália feminina.

Remover, metódica e delicadamente, camada por camada de tecido foi o procedimento escolhido por Hellen O’Connell e sua equipe quando da investigação do clitóris humano. Os investigadores trabalharam lentamente enquanto avançavam sobre um espaço anatômico que, como é recorrência nas fêmeas, não possuía literatura com descrições detalhadas pelas quais poderiam se guiar. Técnicas e instrumentos foram ressignificados de maneira inventiva para dar conta da tarefa: “Poderia demorar horas para dissecar milímetros de carne e meses para dissecar uma pélvis completa. Quando chegaram na dissecação fina, eles usaram lupas – lentes de aumento montadas em óculos usados por dentistas e cirurgiões – e tiravam um fluxo quase constante de fotografias” (GROSS, 2022, p. 33, tradução nossa), como a que vemos na figura 3:

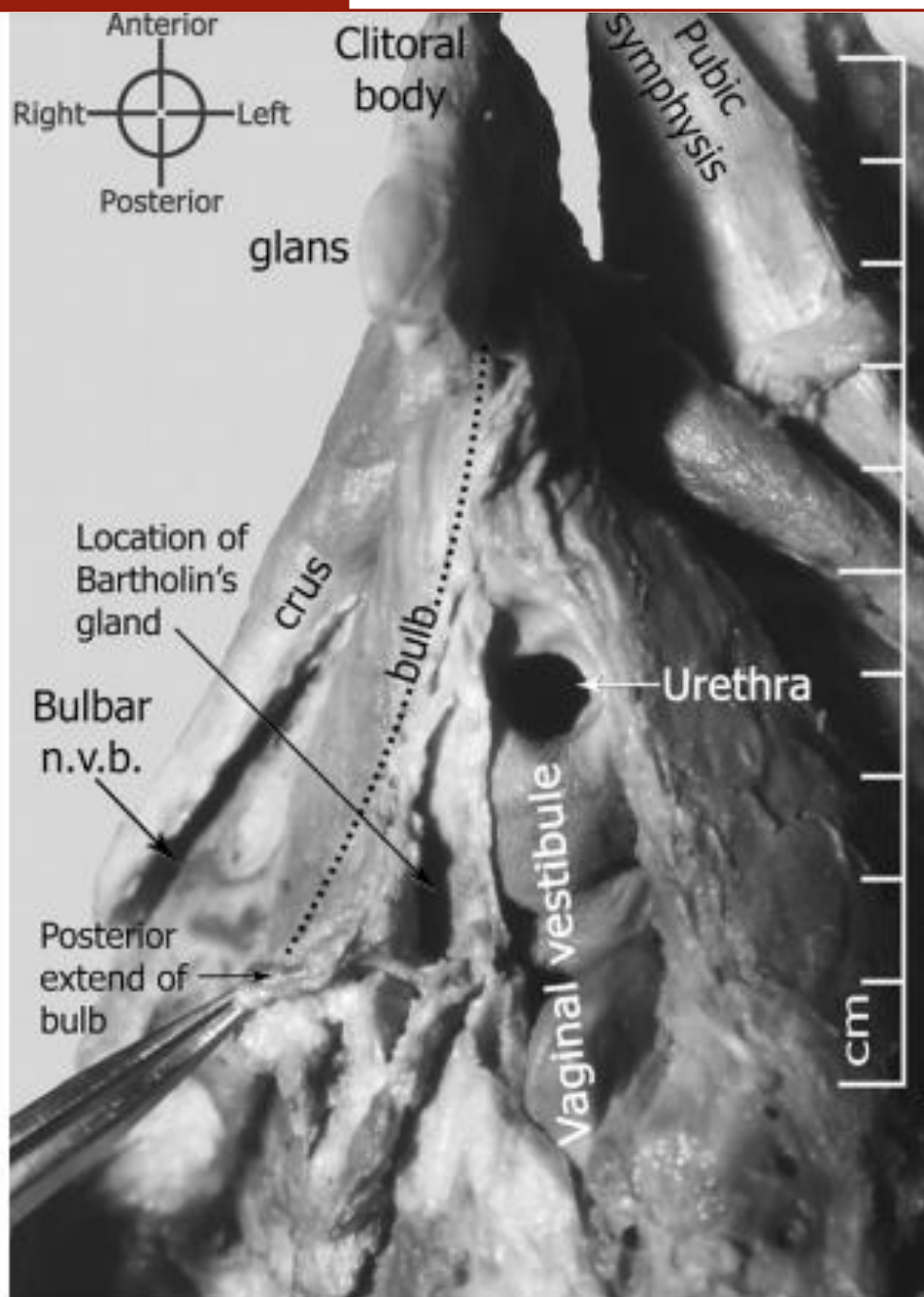


FIGURA 3 – Visão frontal de dissecação de um clitóris
FONTE: *Anatomy of the Clitoris* (O'Connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1190)

Somente a partir deste proceder inventivo e demorado foi possível identificar um conjunto de tecidos eréteis envolvidos tanto no canal vaginal quanto na uretra – o complexo clitoriano humano. “O’Connell cunhou o termo ‘complexo clitoriano’ para se referir não apenas à glândula, mas à rede interconectada de tecidos que compartilhavam um suprimento

sanguíneo e nervoso reagindo como uma unidade à excitação” (Gross, 2022, p. 35, tradução nossa).

No caso das cobras e demais escamados, uma primeira mudança de procedimento foi a identificação da fêmea a partir da presença do hemiclitéris e não da ausência do pênis. Em seguida, a investigação da variação do hemiclitéris propriamente dito demandou a observação da anatomia macroscópica através de dissecação, considerando características como cor, forma e tamanho. Mas, além disso, fez-se necessária uma análise da microanatomia (análise estrutural e microscópica dos tecidos), sendo a melhor estratégia a utilização de técnicas histológicas e imuno-histoquímicas para avaliar a densidade nervosa e as vias neurais presentes no hemiclitéris (Folwell; Sanders; Crowe-Riddell, 2022), como demonstrado na figura 4.

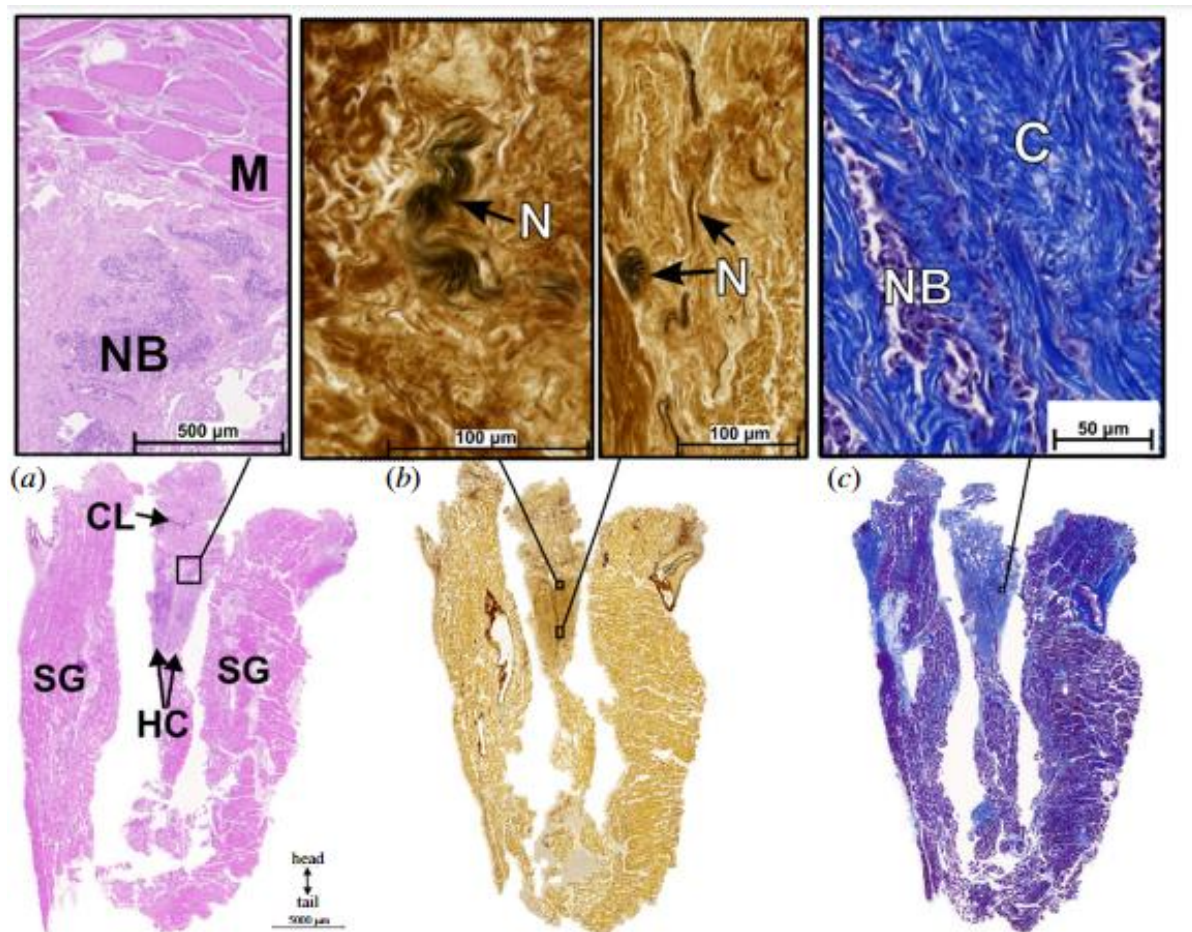


FIGURA 4 – Histologia do hemiclitéris e glândulas odoríferas

FONTE: *First evidence of hemiclitores in snakes* (Folwell; Sanders; Brennan; Crowe-Riddell, 2022, p. 5)

Na sua condição de objeto comunicável, além de existir maneiras específicas para encontrar e visualizar o clitéris, há também estratégias para reproduzi-lo em imagens, ensiná-

lo e descrevê-lo didaticamente. No que diz respeito ao clitóris humano, O’Connell e sua equipe são categóricos ao afirmar que: “É impossível transmitir a anatomia do clitóris em um único diagrama mostrando apenas um plano, como normalmente é fornecido nos livros didáticos, que o revelam como uma estrutura plana” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189, tradução nossa). O clitóris humano, portanto, só pode ser verdadeiramente visto em representações multiplanares. “A ressonância magnética fornece uma representação multiplanar da anatomia do clitóris em estado vivo, o que é uma grande vantagem, e complementa os materiais da dissecação” (O’connell; Sanjeevan; Hutson, 2005, p. 1189, tradução nossa).

A figura 6 integra a edição de 2011 do *Last’s Anatomy*, um manual didático designado para consulta e treinamento em exames cirúrgicos. Mais de cinco anos após a publicação do estudo de O’Connell et al., o corte transversal na pélvis, que vemos na figura, aponta para onde estaria o clitóris, porém em direção a uma forma indefinida e que nada se assemelha aos diagramas do estudo da equipe australiana.

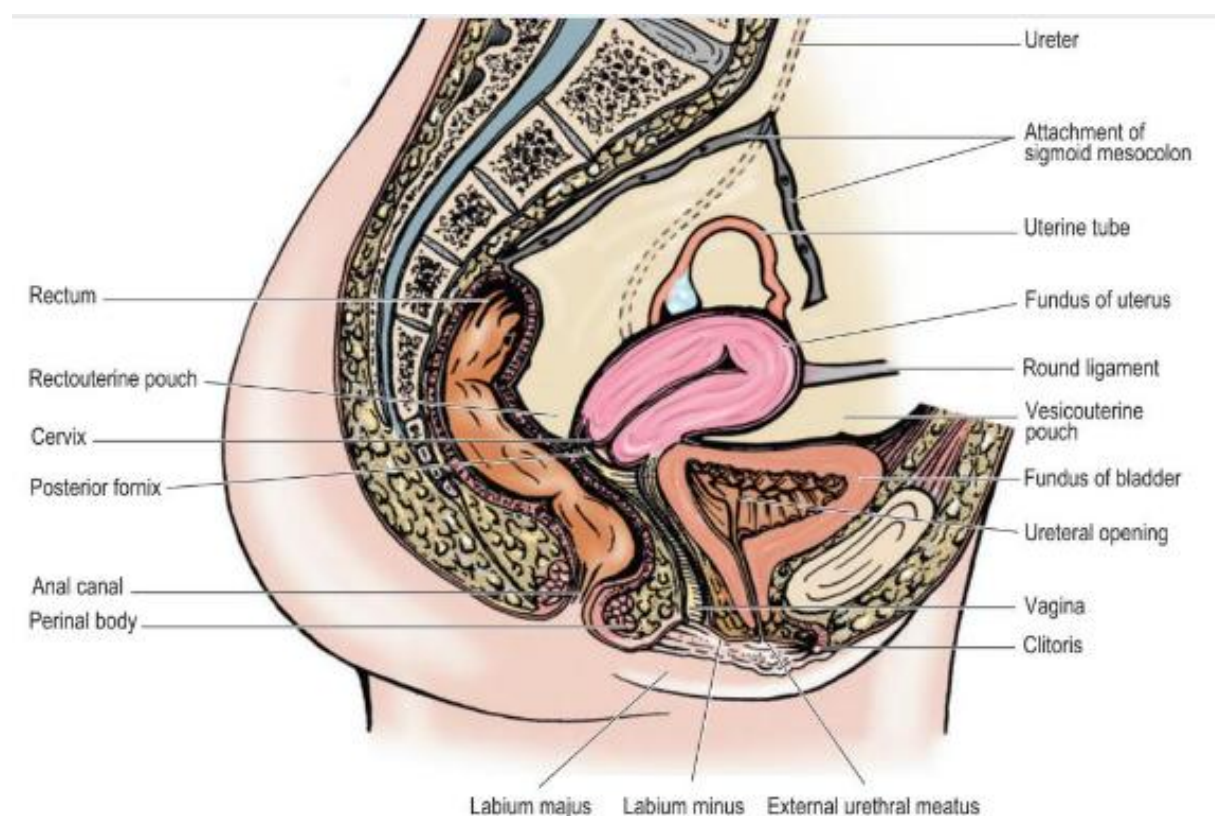


FIGURA 6 – Diagrama de sistema genital feminino em material didático
FONTE: *Last’s Anatomy* (Sinnatamby, 2011, p. 302)

A reorganização das estruturas de visibilidade que evidenciam o clitóris expressa-se, portanto, na inventividade com que se reformularam as tecnologias, enquanto práticas e estratégias, que permitiram dar a ver sua forma visual. Mas, para além disso, se a matéria dos saberes se distribui considerando as arquiteturas que expõem as suas verdades, tais estruturas também indicam os potenciais espaços dos sujeitos desses saberes. É possível encontrar referências a essa questão nas reportagens acerca do hemiclitéris da serpente:

Uma das outras pesquisadoras do projeto, a professora associada Kate Sanders, da Universidade de Adelaide, disse que a descoberta não teria acontecido se não fosse pela “nova perspectiva” de Folwell. “Esta descoberta mostra como a ciência precisa de diversos pensadores com ideias diversas para avançar” (Mao, 2022, s/p., tradução nossa).

A “nova perspectiva” a que se refere a professora Kate Sanders indica uma problematização: além de saber como é possível ver o clitóris, quem tem a capacidade de ter esse novo olhar? No campo científico, parece relevante considerar quais discursos atravessam os sujeitos enunciantes e como estes têm o potencial para se configurarem em marcas de diferença. Tanto na filosofia, como defende Catherine Malabou (2021), quanto na ciência, conforme desenvolve Donna Haraway (2023), é importante que não olvidemos que um enunciado nunca é neutro. O conhecimento tem sempre suas marcas, pois os sujeitos enunciantes são atravessados por discursos que os localizam no mundo. Isso porque, ainda segundo a autora, “*O discurso é corpóreo*. Não é incorporado, como se estivesse preso em um corpo. É corpóreo e corporizante, faz corpo e faz mundo” (Haraway, 2023, p. XI-XII, grifo nosso). Assim, quando os corpos com clitóris habitam os espaços dos sujeitos enunciantes do discurso científico, um horizonte de possíveis transformações se abre, pois sua presença mesma reorganiza as estruturas de visibilidade do saber e os discursos que edificam esses corpos passam também a atravessar o campo científico.

Portanto, quando os corpos tradicionalmente marcados pelos discursos de gênero, de classe, de raça e tantos outros estigmas sociais passam a criar registros de memória para a ciência, mais do que apenas ocuparem espaços de representatividade, “Os modos diferenciados pelo poder e altamente contestados de ser desses monstros podem ser indícios de mundos possíveis [...]” (Haraway, 2023, p. 3). Basta observar a profusão de novos conhecimentos ao redor da genitália feminina, com a descoberta de novos órgãos e a consequente ressignificação de comportamentos sociais (humanos e animais) e, conferindo a autoria dos estudos, atestar que as equipes são quase inteiramente compostas por mulheres. Todavia, essa não é uma

questão identitária, mas sim um exercício discursivo e corpóreo. Ou seja, não é sobre ser isso ou aquilo, mas posicionar-se num espaço discursivo de crítica.

Na realidade não existem dois, mas sim uma multiplicidade de lados, inclinações, relevos e fronteiras. Uma multiplicidade de gêneros e até clitóris. Em qualquer caso, não se tem gênero. É antes o gênero que possui o sujeito, que o põe em movimento como faria uma máquina [...] (Malabou, 2021, p. 55, tradução nossa).

O gênero é, ele próprio, uma formação discursiva e, para além do bem e do mal, atua sobre nossas vivências e corpos. É apenas lógico concluir que a produção de conhecimento seja afetada pela diversidade de discursos que nos atravessam como sujeitos. Não é por outro motivo que Haraway (2023) irá afirmar que a objetividade científica, contraintuitivamente, depende de perspectivas parciais, pois são essas as que podem ser exercidas criticamente, são as “novas perspectivas” de que falava Kate Sanders.

5. Conclusões

O Comunicável do clitóris é, portanto, fortemente marcado por uma revolução nas estruturas de visibilidade. A começar pelo espaço ocupado pelos sujeitos nesse campo de saber. Foucault afirma que “Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 2020b, p. 115-6). Na ciência, historicamente, o espaço do sujeito enunciadore é reservado para os corpos atravessados pelo masculino, pela branquitude e pela origem imperialista. Daí a profunda desestabilização operada pelos corpos com clitóris nesse lugar. A partir disso, reorganizou-se a matéria do saber sobre a genitália em uma estrutura de visibilidade que permitiu não apenas a identificação do clitóris, mas também novas maneiras de representá-lo imagneticamente e ensiná-lo. Aparatos técnicos já conhecidos, como a ressonância magnética (MRI) e a tomografia computadorizada (TC), ganharam pleno uso nessa empresa e, em razão das suas novas estratégias de uso, a pesquisa dos tecidos moles internos, incluindo os da genitália feminina, não pode mais ser classificada como difícil. Agora ela é apenas possível.

Como abordamos, não há distância entre as tecnologias e os resultados a partir delas obtidos, pois tanto o campo perscrutado, como o olhar que o percorre, estão ligados pelas regras de formação de saber que apontam a um regime de verdade. Todavia, sempre que é possível desvendar as estruturas de visibilidade desses códigos através de um novo olhar, a mudança se

faz possível, o arquivo se renova, outros registros de memória são produzidos, e novas verdades também nascem. “O passado, portanto, não é apenas uma zona contestada, mas o nome de um conflito” (Fausto *apud* Haraway, 2023, p. XIV).

Referências

- BRENNAN, Patricia L. R. **Evolution and Morphology of Genitalia in Female Amniotes**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, p. 521–532, 2022.
- BRENNAN, Patricia L. R.; ORBACH, Dara. **Copulatory behavior and its relationship to genital morphology**. In: NAGUIB; BARRETT; HEALY; PODOS; SIMMONS; ZUK (org.). *Advances in the Study of Behavior*. Academic Press, 2020, p. 65–122.
- BUEHLER, Jake. **Scientists thought snakes didn’t have clitorises. They were wrong**. Science News. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.sciencenews.org/article/scientists-snakes-clitorises-evolution> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.
- CROWE-RIDDELL, Jenna. **Snakes have clitorises. The conversation**. Dez, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4dzR9yl> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.
- FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020a.
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020b.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- _____. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- FOLWELL, M.J.; SANDERS, K.L.; BRENNAN, P.L.R.; CROWE-RIDDELL, J.M. **First evidence of hemiclitoris in snakes**. The Royal Society, v.289, n.1989, dez, 2022.
- FOLWELL, Megan J.; SANDERS, Kate L.; CROWE-RIDDELL, Jenna M. **The Squamate Clitoris: A Review and Directions for Future Research**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, p. 559–568, 2022.
- FOX, Alex. **Scientists Overlooked the Snake Clitoris, Until Now**. New York Times. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/12/13/science/snakes-clitoris-hemiclitoris.html> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.
- GPESC. **Semiótica Crítica e As Materialidades da Comunicação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.
- GROSS, Rachel E. **Vagina Obscura - an anatomical Voyage**. New York: W.W. Norton & Company, 2022.
- HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza - Símios, ciborgues e mulheres**. São Paulo: Martins Fontes, 2023.
- LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LU, Donna. **Snakes have clitorises: scientists overcome ‘a massive taboo around female genitalia’**. The Guardian. Dez, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3YuDnZl> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.
- MALABOU, Catherine. **El Placer Borrado: Clitoris y pensamiento**. Santiago de Chile: Editorial Palinodia, 2021.

MAO, Frances. **Australia: Scientists find clitorises on female snakes**. BBC. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-australia-63967778> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

MESA, Natalia. **Snakes Have Clitorises After All, Study Finds**. The scientist. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.the-scientist.com/snakes-have-clitorises-after-all-study-finds-70837> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

MÜLLER, Luiza. **O comunicável em Michel Foucault e o clitóris da serpente**. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/281257>. Acesso em: 21 fev. 2026.

O'CONNELL, Helen E.; SANJEEVAN, Kalavampara V.; HUTSON, John M. **Anatomy of the Clitoris**. The Journal of Urology: Vol. 174, 1189 –1195, Outubro, 2005.

ORBACH, D.N. **Gender Bias in the Study of Genital Evolution: Females Continue to Receive Less Attention than Males**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, p. 533–541, 2022.

PAVLICEV, Mihaela; HERDINA, Anna Nele; WAGNER, Günter. **Female Genital Variation Far Exceeds That of Male Genitalia: A Review of Comparative Anatomy of Clitoris and the Female Lower Reproductive Tract in Theria**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, p. 581–601, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie - Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SINNATAMBY, Chummy S. **Last's Anatomy**. Elsevier, 2011.

THOMPSON, Joanna. **Scientists finally discovered the snake clitoris, and they're 'very excited'**. Live Science. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.livescience.com/snake-clitoris-found> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

WETZEL, Corryn. **Scientists finally found the clitoris on snakes – and there are two**. New Scientist. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.newscientist.com/article/2350896-scientists-finally-found-the-clitoris-on-snakes-and-there-are-two/> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.

WU, Katherine J. **Surprise! Snakes Have Clitorises**. The Atlantic. Dez, 2022. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/science/archive/2022/12/snake-clitoris-discovery-reptilian-copulation/672450/> Acesso em: 08 jul. 2024. Não paginado.